

NARRADORES ARTIFICIAIS SEMELHANTES AOS ORGÂNICOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DE TELEJORNAL GERADO POR IA

*Edna de Mello Silva
Fabiana Piccinin*

Resumo: O artigo discute, a partir de um experimento, como a produção de um telejornal totalmente feito com recursos gerativos de Inteligência Artificial, consegue resultar em um conteúdo muito aproximado do modelo de telejornal tradicionalmente adotado pela televisão brasileira. Problemática, assim, como a anatomia narrativa do programa, marcada pela rigidez do formato e da linguagem, a partir do distanciamento do fato narrado e da formalidade adotada na narrativa, facilita sua mimetização pelos telejornais virtuais. Para tanto, mostra como o telejornalismo, ao seguir o contexto de produção moderno e fordista, é ainda marcado por processos de repetição e padronização, que se conectam com os princípios do funcionamento dos sistemas inteligentes. Metodologicamente, após caracterizar teoricamente o telejornal e sua narrativa, analisa-se a incidência das suas características tradicionais, no conteúdo/programa gerado por IA. Compreende-se que, por serem características recorrentes no conteúdo gerativo, pode-se com facilidade produzir artificialmente um programa de notícias para a televisão, indicando por decorrência, problemas relacionados, nestes termos, à veracidade e credibilidade dos conteúdos noticiosos oferecidos pela televisão.

Palavras-chave: Telejornal. Narrativas. Inteligência artificial generativa.

ARTIFICIAL NARRATORS SIMILAR TO ORGANIC ONES: CONSIDERATIONS ABOUT AI-GENERATED TELEVISION NEWS EXPERIENCE

Abstract: The article discusses, based on an experiment, how the content generated by Artificial Intelligence applications replicates the TV news model adopted from the beginning of TV to the present day. It questions how the program's narrative anatomy, marked by the rigidity of its format and language, facilitates its replication in virtual news programs. To this end, it reviews the concepts of television news and how it is constituted as a program, establishing a cause and consequence relationship between its format and language and the socio-techno-discursive context in different eras. Specifically, it points to the modern era and its impact on the production processes of broadcast TV and, consequently, on the distance from the fact narrated and the formality adopted in the narrative. From a methodological point of view, after theoretically characterizing the television news program and its narrative, the incidence of its traditional characteristics in the content/program generated by AI is analyzed. It is understood that, since these characteristics are recurrent in the generative content, it is easily possible to artificially produce a television news program, thereby indicating problems related to the veracity and credibility of the news content offered by television.

Keywords: Television News. Narratives. Generative artificial intelligence.

NARRADORES ARTIFICIALES SIMILARES A LOS ORGÁNICOS: CONSIDERACIONES SOBRE UNA EXPERIENCIA DE NOTICIERO GENERADO POR IA

Resumen: El artículo analiza, basado en una experiencia cómo los contenidos generados por las aplicaciones de Inteligencia Artificial replican el modelo de telediario, adoptado desde los inicios de la televisión hasta nuestros días. Se cuestiona cómo la anatomía narrativa del programa, marcada por la rigidez de su formato y lenguaje, facilita su réplica en los informativos virtuales. Para ello, revisa los conceptos de informativo televisivo y cómo se constituye como programa, estableciendo una relación causa-consecuencia entre su formato y lenguaje y el contexto socio-tecnológico-discursivo en diferentes épocas. Específicamente, se apunta a la era moderna y su impacto en los procesos de producción de la televisión abierta y, consecuentemente, en el distanciamiento del hecho narrado y la formalidad adoptada en la narración. Desde el punto de vista metodológico tras caracterizar teóricamente el telejornal y su narrativa, se analiza la incidencia de sus características tradicionales en el contenido/programa generado por IA. Se entiende que, al ser características recurrentes en el contenido generativo, se puede producir fácilmente un programa de noticias para la televisión de manera artificial, indicando por ello problemas relacionados, en estos términos, con la veracidad y credibilidad de los contenidos noticiosos ofrecidos por la televisión.

Palabras-clave: Noticias Televisivas. Narrativas. Inteligencia Artificial.



1. SIMILITUDES DO ORGÂNICO AO ARTIFICIAL

A transição do modelo linear de produção audiovisual para a digitalização e adaptação à ambiência da web, para fins de conformação às plataformas vem demarcar a fase contemporânea da TV. A partir da consolidação das operações de produção, publicação e consumo audiovisual decorrentes da plataformização (Van Dijck; Poell; Waal, 2018), os conteúdos passam a obedecer dinâmicas de funcionamento convergentes, descentralizadas, baseadas na lógica algorítmica e nas possibilidades oferecidas pelos sistemas de Inteligência Artificial. Assim, como dizem Vázquez-Herrero, López-García e Irigaray (2020), os conteúdos são impactados pelos avanços tecnológicos nos seus modos de produção, formatos e consumo que, por sua vez, são também causa e consequência das mudanças culturais e sociais.

As imagens e suas dinâmicas de operação atuais precisam ser vistas, portanto, segundo Gutmann (2021), como frutos do imbricamento entre a tecnicidade e a visualidade, que são mediações próprias das práticas comunicacionais. No que diz respeito especificamente ao telejornal, o programa que surge junto com a própria televisão no Brasil veio determinando ao público o seu próprio conceito, como responsável pelas notícias, trazidas através de seus narradores, materializados pela equipe de apresentadores e repórteres, que passaram a se tornar seus representantes junto ao público. Em razão disso, ao seguir os modelos de operação da televisão, adequando sua narrativa aos condicionantes de cada época, o telejornal veio do modelo analógico de produção, em direção às operações digitais plataformizadas e organizadas sob processos automatizados e repetitivos, derivados da IA, buscando replicar artificialmente seu formato canônico.

A proximidade da semelhança entre o telejornal feito por humanos com o telejornal produzido desde os conteúdos gerativos tem sido identificada em exemplos de emissoras que já usam *robots* em seus programas. A partir desses casos, o texto propõe uma discussão sobre os modelos de telejornal,

considerando a extensão da atuação da IA e sua relação com o modelo tradicional. Para tanto, propõe-se um experimento baseado em um telejornal produzido totalmente com recursos de IA, cujos *prompts* foram gerados para ordenar os conteúdos ao computador, obedecendo a regras e linguagem próprias do telejornalismo tradicional. Os conteúdos devolvidos pela IA apontam que as plataformas inteligentes são hábeis em se utilizar dos modelos existentes e convertê-los em dados, a fim de transformá-los em subsídios para a produção dos conteúdos artificiais.

Assim, porque se assiste a uma fase inicial das práticas associadas aos conteúdos gerativos, é que se pode identificar alguma imperfeição nos mesmos, apesar da semelhança dos modelos. No entanto, essa similitude no formato e na narrativa indica de forma preocupante que os conteúdos podem ser produzidos, desde os comandos dados por qualquer pessoa que, ao fazê-lo, respeitando o modelo canônico do telejornal, carimba-o com a credibilidade tradicional que o programa carrega.

2. COMO NASCE A CARTILHA/MODELO DE TELEJORNAL

Ao longo de sete décadas de televisão brasileira, o telejornal instituiu-se como o lugar de referência, legitimidade e segurança, visto que está encarregado de ofertar as informações que os jornalistas julgam necessárias serem conhecidas pelas audiências conforme apontam Becker (2022) e Vizeu (2009). O prestígio do programa que dá a conhecer sobre o que de mais importante aconteceu no dia, bem como a repercussão disso no cotidiano dos indivíduos, é originário da TV aberta (Piccinin, 2019). Parte desse modelo para os canais por assinatura, especializados em notícias – os *all news* - nas décadas de 1990 e 2000, até que passaram a ser distribuídos nas plataformas. A presença nas redes sociais, plataformas de streaming e portais de notícias marca a transição das operações de televisão em fluxo para as de arquivos, conformando o conceito de jornalismo para telas (Emerim, 2017) e ou o telejornalismo expandido (Silva, 2018).

No caso do Brasil, o telejornalismo foi sendo desenhado em paralelo às

regras do próprio sistema de produção televisiva, originário do sistema americano, sob princípios de organização fordista de produção (Harvey, 2001), mediante a estruturação com base na releitura das mídias anteriores em conjunto com a busca por uma linguagem própria. Assim, ao mesmo tempo que se valia das características do teatro, cinema e rádio, perseguia sua originalidade, mobilizando com fins jornalísticos, os recursos de áudio e vídeo. Do inaugural “Imagens do dia” nos primeiros anos da Tv Tupi, na década de 1950, até os telejornais de hoje exibidos ao vivo, o telejornal se organiza desde a a grade fixa de programação, baseada na verticalidade e horizontalidade, articulando a partir del, o horário e a periodicidade rigidamente estabelecidos (Silva, 2018).

Hierarquicamente, a emissora cabeça de rede, de abrangência nacional, gerencia a produção/programação na relação com as afiliadas, onde o telejornal reproduz a programação, ao mesmo tempo em que dispensa espaços para os conteúdos locais. E vai, nesta dinâmica, impondo um formato e linguagem que configuram um padrão e identidade do grupo de comunicação. O processo produtivo, de inspiração fordista e linear, desenhado pelo ideário moderno traz a marca da objetividade e imparcialidade como avalistas de precisão e competência ao telejornal. Segundo Resende (2004), o ideal modernista pregava a construção do progresso pela via da ordem, ao promover a normatização e compactação dos textos na medida em que “[...] era o caráter informativo que se adequava à frenética corrida contra o tempo e impunha, além de legitimar, o discurso que se pretende dessubjetivado” (Resende, 2004, p. 4). O distanciamento do fato passou a ser evidenciado pelos narradores do programa, por meio, especialmente, do emprego da formalidade em frente às câmeras e de formas de narrar que perseguiram a neutralidade como “ritual estratégico” (Tuchman, 1999). Apresentadores e repórteres juntavam a neutralidade em seus posicionamentos com a objetividade jornalística afim de fazer o jornalismo informativo funcionar como um “espelho do mundo real” (Sodré, 2009, p. 31).

O paradigma moderno, portanto, organizou o trabalho jornalístico na televisão, ao definir funções e rotinas que pudessem dar conta de responder à Chefia de Produção, compreendida pela formação de repórteres, cinegrafistas, pauteiros e produtores, e à Chefia de Edição, integrada por editores de texto, editores de imagem, editores executivos, editores de arte e pós produção. Esse desenho organizacional resultou na configuração do programa, fazendo parte da grade de programação, com tempo definido e blocos temáticos organizados pré-delimitados. O trabalho organiza-se desde um espelho¹ – menu de assuntos que compõem cada edição – que determina a forma, linguagem e duração das notícias, que por sua vez são apresentadas, mediante a categorização em editorias.

Nesta estrutura, o telejornal diz às audiências o que é hierarquicamente importante - via de regra, construindo um espelho da notícia mais impactante para a de menor impacto - e, no caso da TV aberta, sem oferta de possibilidades interativas. Os blocos do programa são formados por VTs, chamados a partir da leitura das cabeças² (lead) pelo apresentador, que também lê as notas *vivo*, compreendidas como aquelas em que não há imagens, bem como notas cobertas, com imagens, e ou chamadas de repórteres para entradas ao vivo no programa. Os VTs por sua vez, são arranjados, via de regra, segundo as formas narrativas privilegiadas nesse modelo do telejornalismo *hard news*³ que são, de modo geral, constituídos por off⁴ – texto lido pelo repórter e coberto por imagens -, a passagem em que repórter está presente em quadro e a sonora que são os trechos editados das entrevistas com as fontes.

Conforme Ekström (2002), o sistema de operação jornalística televisiva está conectado a diferentes estratégias comunicativas, em acordo com as rotinas produtivas e performances geradas para tanto, a fim de atender as necessidades dos públicos. Para o autor há, nesse sentido, uma forma particular pela qual o jornalismo de televisão comunica, que resulta em determinada anatomia narrativa, o diferenciando de outros formatos jornalísticos. Neste sentido, as práticas da redação e a mobilização narrativa,

articuladas pela imagem e som, se convertem em estruturas cognitivas e sistemas de classificação, que norteiam a compreensão e a forma com que trabalham os jornalistas.

Esse modelo vigente até os dias de hoje vem sendo desafiado em suas dinâmicas produtivas desde a emergência dos processos de convergência e digitalização, que trazem a reconfiguração do ecossistema midiático, de forma a promover a mudança transacional dos padrões lineares para o digital de produzir e transmitir notícias. As emissoras, em decorrência disso, vêm se adaptando a este novo cenário ao criar estratégias de comunicação como a interconexão de conteúdos em que se intercalam múltiplas telas, em que o consumo se dá por movimentos interativos e desde um maior protagonismo dos usuários, que geram, por sua vez, formatos narrativos com usos significativos de interfaces e em narrativas transmídia (Ferreira, 2016).

Em razão disso, a produção e distribuição dos conteúdos audiovisuais jornalísticos em tempos convergentes vem significar mudanças substanciais nas rotinas produtivas, compostas da convivência entre a TV aberta, a TV por assinatura, as redes sociais, portais de conteúdo e plataformas de streaming. Essa ambiência que passa a compor o conjunto do telejornal e seu entorno (Gutmann, 2021) abarca um misto das operações lineares e axiomáticas de sinal aberto/assinatura e em fluxo rígido de programação, com a produção e distribuição dos conteúdos sob o formato de arquivos em perspectiva rizomática (Piccinin; Thomé; Reis, 2020).

Becker (2020, p. 206) diz que, em um ambiência “(...) marcada pelo hibridismo de suportes e linguagens de mídias e hábitos de consumo misturados, a televisão *broadcast* e o telejornalismo tendem a ser considerados obsoletos”. Enquanto as rotinas e operações fordistas e axiomáticas da televisão vão se alterando para adequação à lógica convergente, o telejornal na forma narrativa de entrega do conteúdo às audiências, apresenta-se como resíduo de um sistema industrial arcaico, diz a autora. Está pautado na padronização, repetição e homogeneização de

uma linguagem originária do sistema em linha de produção linear de operação televisiva, em um formato dissonante das narrativas digitais, instantâneas, sob demanda e recortadas de contexto, distribuídas como arquivo multiplataforma e sem a condução do apresentador, como diz Avilés (2021).

Para o autor, desde sua concepção, mesmo que tenha incorporado avanços tecnológicos na produção, edição e apresentação, o telejornal mantém a mesma essência, a partir de “a presenter who conducts a narrative of fragmentary pieces that make up a supra-story of current events that intent to be decisive for public conversation” (Avilés, 2021, p. 153). E que resiste às mudanças, ainda que venha enfrentando quedas sensíveis de audiência, tanto do consumo da Tv aberta, quanto fruto do desinteresse pelas notícias, especialmente entre a geração mais jovem (Newman et al., 2023).

Assim, de maneira geral, o telejornal permanece na lógica discursiva do distanciamento com o narrado e da formalidade, mediante a adoção de uma estética muito identificada com a lógica fabril de apresentação das notícias, especialmente no caso das *hard news*. O programa dispensa às reportagens algumas experiências sutis de narrativas que evidenciam de forma pouco recorrente a subjetividade e a informalidade, ainda que tenham se mostrado como estratégias eficazes de vinculação com o público (Piccinin; Thomé; Reis, 2020). Para as expressões mais informais e próprias das narrativas orgânicas, os telejornais têm destinado alguns espaços nas redes sociais, onde tem tornado conteúdo, em algumas condições episódicas, os bastidores do processo produtivo. Assim, especialmente os apresentadores mantém na condução e formatação do programa sua identidade original, engessada e destituída, no tanto quanto possível, de marcas orgânicas, informais e espontâneas, a ponto de conformar um plano expressivo não distante dos modelos virtuais de apresentador, gerados pela inteligência artificial contemporânea.

3. OS PERCURSOS DA IA E AS RELAÇÕES COM O TELEJORNALISMO

O paradigma que funda os processos de funcionamento da Inteligência Artificial está baseado na ideia, como diz Furtado (2022), de que a ciência e a engenharia são capazes de produzir máquinas inteligentes. De fato, o sistema computacional da IA reúne uma grande quantidade de dados que são depois, submetidos a processos de padronização e associação, permitindo prospectar eventos futuros, além de executar tarefas manipulando grande número de dados e mobilizando muitos usuários.

Conforme Túñez-López, Fieiras Ceide e Vaz-Álvarez (2021), as máquinas inteligentes não são exatamente uma novidade, posto que têm sido usadas, por princípio, como promissoras tecnologias capazes de facilitar o trabalho humano nas mais diferentes áreas. Apresentam-se como evolução de máquinas reativas para máquinas, segundo os autores, capazes de armazenar, categorizar grande quantidade de dados e até mesmo, tomar decisões com base nos padrões de repetição das experiências humanas.

No caso do jornalismo, segundo Canavilhas (2023), as máquinas inteligentes foram sendo introduzidas no processo de produção das notícias desde uma necessidade resultante de questões econômicas, associadas à racionalização e otimização dos processos nas redações. Menos recursos humanos levaram à adoção gradativa de tecnologias vistas, entusiasticamente, como promotoras do desempenho no trabalho, que começou por tarefas simples e repetitivas. Para Furtado (2022), as condições de operação dos *robots*, por sua natureza padronizada e repetitiva, vão circunscrever o conteúdo desde certas limitações que sugerem uma ação humana estática, restrita à fase de programação baseada, dessa maneira, em lógicas funcionalistas e simples. Nesse contexto, emergem experiências como o “jornalismo artificial”, entre outras denominações apontadas pelos pesquisadores (Túñez-López; Fieiras Ceide; Vaz-Álvarez, 2021), compreendidas como as que estão se submetendo a mudanças nos modos de obter, armazenar, elaborar suas narrativas, editar

e transmitir informação, neste caso, jornalística. É dizer se tratar de definições, portanto, relacionadas ao uso de softwares que mobilizam algoritmos, como dizem Serdouk e Bessam (2023) na geração de novas histórias, desde a presença humana apenas nos comandos e ordens endereçados à máquina.

Conforme Furtado, as experiências iniciais com sistemas inteligentes nas redações estavam relacionadas às práticas com jornalismo de dados:

Esses “robôs” capazes de escrever são softwares Natural Language Generation (NLG) (Reiter & Dale, 2000) – ou Geração de Linguagem Natural (GLN) em português – um subcampo da Inteligência Artificial e da Linguística Computacional que faz parte do mesmo grupo de sistemas de busca e tradutores automáticos. NLG não é o Frankenstein nas redações jornalísticas, e sim uma série de códigos e algoritmos combinados para escrever um texto curto e repetitivo que segue uma estrutura narrativa predeterminada, escrita por humanos, muitas das vezes jornalistas, e vinculada a um banco de dados (Furtado, 2022, p. 425).

Dado o aprimoramento dos aplicativos de produção de conteúdo generativos, o jornalismo vem, gradativamente, observando a incorporação de seus recursos por todo o processo produtivo e em condições de sofisticação contínua, em acordo com o refinamento das próprias possibilidades da IA. O sistema de inteligência artificial é capaz de fornecer dados que, cruzados e sistematizados, geram conteúdos ofertados na forma de diferentes tipos de texto, inclusive sonoros e imagéticos, respondendo uma vez mais, conforme Canavilhas (2023), a expectativas experimentadas nas distintas fases do processo de produção jornalística, com pouca ou nenhuma intervenção humana, na conversão de dados em narrativas.

Segundo Hirsch-Kreinsen (2023), no entanto, é preciso considerar que o forte apelo que a tecnologia da IA tem, desde seu conceito promissor em termos das possibilidades de inovação oferecidas nas diferentes áreas em que vem sendo utilizada, entre elas o jornalismo, é também portador de um sem-número de desafios e questões éticas. Para Canavilhas (2023), a produção robótica de textos expõe problemas como a responsabilização de

autoria, dado o trabalho conjunto envolvido, por exemplo, entre programadores e jornalistas. Correlato a isso, aponta para os perigos do que chama de enviesamento da informação, uma vez que os conteúdos gerados de forma automatizada mobilizam determinadas fontes em detrimento de outras e de forma anônima, resultando em visões específicas e, potencialmente, não acuradas dos fatos.

Nesse âmbito, emergem também as preocupações com os insumos utilizados para a construção dos materiais, bem como as intencionalidades e a veracidade dos conteúdos não jornalísticos, produzidos com o formato e linguagem muito aproximados das produções noticiosas e legitimados pela “objetividade e imparcialidade” maquínicos, conforme apontam Saad e Carneiro dos Santos (2023). Estas ideias fundamentam as preocupações deste artigo a respeito especificamente do jornalismo de televisão e a relação com o uso de IA. A reflexão vem provocada justo pela anatomia narrativa do telejornal na TV aberta, bem como o próprio conceito que funda o programa ainda serem, em boa medida, rigidamente conservados em termos de formato e linguagem, sem grandes alterações, desde a concepção do programa até o contemporâneo, para assim apresentar um potencial de reprodução artificial muito próximo do padrão humano que, até então, carrega os traços da impessoalidade e da formalidade que muito contribuem para isso.

Oportunamente, Serdouk e Bessam (2023) ressaltam que, a partir da análise com uma série de experiências de aplicação de IA no jornalismo, assim como entrevistas com profissionais da área, os sistemas inteligentes são capazes de substituir os humanos em processos repetitivos e padronizados, de modo a tenderem direcionar os jornalistas para atividades e habilidades criativas e inovadoras. Portanto, na medida em que as máquinas têm um potencial maior para serem utilizadas mais recorrentemente nos casos de produções sem criações e originalidades, a diferenciação jornalística humana pode estar reafirmada na sua capacidade

inventiva e inovadora, promovendo aí o distanciamento da anatomia narrativa maquínica.

O exemplo do telejornalismo em suas experiências com sistemas inteligentes tem apontado para isso, dado que seu modelo e formatação facilita a geração automatizada de sua produção. As experiências de criação de conteúdos audiovisuais e de apresentadores/repórteres com IA já apresentam um grau de sofisticação bastante considerável na mimetização dos modelos existentes. Uma dessas primeiras experiências se deu com apresentadores criados por sistemas inteligentes na China. O telejornal de uma empresa estatal, o People's Daily, apresentou em março de 2023 a âncora responsável pelo jornal notícias 24h, alinhado ao posicionamento ideológico do Partido Comunista Chinês. A âncora virtual (Figura 1) está programada a responder perguntas sobre o Congresso Nacional e sobre as Conferências Consultivas Políticas, duas sessões importantes da política chinesa.

Figura 1 - Âncora de IA, Ren Xiaorong, que lê as principais manchetes da China. Telejornal acessado por aplicativo de celular.



Fonte: What's on Weibo (2023)⁵.

Na estreia, Ren disse que foi treinada com habilidades de “milhares de âncoras” (Olhar digital, 2023) e seguiu afirmando que estará relatando notícias por 24 horas sem descansar. No Brasil, uma experiência que cabe destacar é a da empresa Spume.co, que lançou em 2023 o Coaching Avatar e vem testando a produção de conteúdos de diferentes áreas sob o modelo de telejornal. No experimento, os jornalistas, todos criados com IA, se auto referem como “O primeiro canal no mundo onde todo o telejornal é A.I.”. Além dos textos, as imagens das vinhetas, reportagens e até dos repórteres e

apresentadores, incluindo o texto de apresentação sobre a experiência postados no canal, são frutos da virtualidade.

Essas experiências inaugurais, organizadas segundo a lógica própria da IA que prevê o conteúdo gerado em razão da programação algorítmica, reproduz pelo sistema robótico de padronização e repetição, modelos muito semelhantes aos do telejornalismo que vem sendo apresentado pelas emissoras de Televisão. Apresentadores que adotam performances próprias de modelos autômatos, mobilizados pela ideia de perfectibilidade do gestual e da impostação da voz. O que não exatamente surpreende, na medida em que os *robots* são alimentados por dados e informações provenientes das referências adotadas pelas emissoras de modo geral em seus programas para a produção de modelos de apresentadores construídos e gerados por IA.

4. A EXPERIÊNCIA DA IA NA CONSTRUÇÃO DO APRESENTADOR

Dado o reconhecimento da proximidade entre os modelos orgânicos e os virtuais, partiu-se em direção ao experimento que pudesse, de algum modo, indicar onde essas similitudes se encontram e, sobretudo, a partir de quais *inputs* a IA é capaz de responder a esses modelos, mimetizando suas performances. A metodologia que norteou a investigação foi a pesquisa aplicada com abordagem qualitativa. Para Minayo (2016, p. 21), a pesquisa qualitativa se aprofunda no "universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes", explorando as relações e processos sociais em sua essência. Essa abordagem possibilita a investigação de conjunturas que influenciam ou são influenciadas pela compreensão do mundo social em que o indivíduo está inserido. O objetivo principal foi explorar a capacidade das tecnologias de IA generativa na construção de um produto jornalístico audiovisual completo, desde a geração de texto até a sua apresentação final. A metodologia adotada foi composta por três etapas principais. Na primeira etapa, foram testadas as plataformas: ChatGPT, criada pelo laboratório de inteligência artificial OpenAI; Bard AI, da empresa Google e o site de escrita

acadêmica *My Essay Writer AI*, desenvolvido por uma equipe formada por pesquisadores norte-americanos autônomos. Este último foi o que apresentou os melhores resultados para a produção textual no gênero jornalístico audiovisual. O sistema permite a solicitação de textos com temas específicos na versão gratuita, porém para fazer o download é necessário efetuar uma assinatura do serviço no valor de US\$ 4,99. Nesse exercício foi definida a modalidade textual *doctoral* do site com o seguinte *Prompt* (comando) para a produção de um texto para reportagem:

Escreva um texto, na modalidade jornalística, para um telejornal, sobre a presença da população negra na sociedade brasileira, segundo os últimos dados do IBGE. A cabeça será apresentada ao vivo pelo apresentador na bancada. A reportagem é gravada. A apresentadora se chama Júlia Silva e a reportagem é de César Ribeiro. Divida o texto entre a cabeça a ser lida pelo apresentador no estúdio, e a sequência do texto a ser feita pelo repórter, como stand up (repórter em quadro), off (locução) e passagem (repórter em quadro). Faça a sugestão de fontes a serem ouvidas pela reportagem. Não esqueça de sugerir imagens em movimento (inserts) a serem apresentados na reportagem casadas com o texto. Cite as fontes dos dados apresentados no texto. A reportagem deve ter ao todo um minuto e meio de duração.

Com esta proposta, o resultado foi este material abaixo descrito (Figura 2):

Figura 2 - Printscreen do texto produzido por IA – MyEssayWriter.

Escreva um texto, na modalidade jornalística, para um telejornal, sobre a presença da população negra na sociedade brasileira, segundo os últimos dados do IBGE.

Preview

JÚLIA SILVA - Boa noite, telespectadores! Hoje trazemos uma reportagem especial sobre a presença da população negra na sociedade brasileira, com base nos últimos dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. Vamos acompanhar agora a matéria elaborada pelo repórter César Ribeiro.

[Repórter em quadro - Stand up]

CÉSAR RIBEIRO - Boa noite, Júlia! O Brasil é um país marcado por uma grande diversidade étnica e cultural, sendo reconhecido mundialmente como um dos locais de maior presença da população negra. Segundo o IBGE, atualmente cerca de 55% dos brasileiros se autodeclararam negros ou pardos, representando o maior contingente populacional do país.

[Locução - Off com imagens de pessoas negras nas ruas]

CÉSAR RIBEIRO (Locução) - Para entendermos melhor a importância da população negra na sociedade brasileira, conversamos com a socióloga Ana Maria Dias, especialista em questões raciais. Segundo ela, a presença dos negros é fundamental em diversos setores, seja na economia, na cultura ou na política. No entanto, ainda há desafios a serem superados para alcançar a igualdade racial plena.

Escreva um texto, na modalidade jornalística, para um telejornal, sobre a presença da população negra na sociedade brasileira, segundo os últimos dados do IBGE.

Preview

CÉSAR RIBEIRO - É imprescindível destacar que a luta por igualdade racial é constante e demanda ações efetivas por parte do Estado e da sociedade. A representatividade negra em espaços de poder, como cargos políticos, é fundamental para a construção de um país mais inclusivo.

[Passagem - Repórter em quadro com imagens de políticos negros]

CÉSAR RIBEIRO - Para falar sobre esse tema, entrevistamos Luana Oliveira, deputada federal e uma das poucas representantes negras no Congresso Nacional. Ela ressaltou a importância de políticas públicas que promovam a equidade racial, afirmando que é fundamental garantir a participação ativa da população negra nas decisões políticas do país.

[Sugestão de fonte a ser ouvida: Deputada Luana Oliveira - Representante negra no Congresso Nacional]

JÚLIA SILVA - Muito obrigada, César, por essa importante reportagem. Os dados divulgados pelo IBGE são um alerta para a necessidade de promovermos a igualdade racial em nossa sociedade. Vamos continuar acompanhando e dando voz a essas questões tão essenciais para a construção de um Brasil melhor e mais justo.

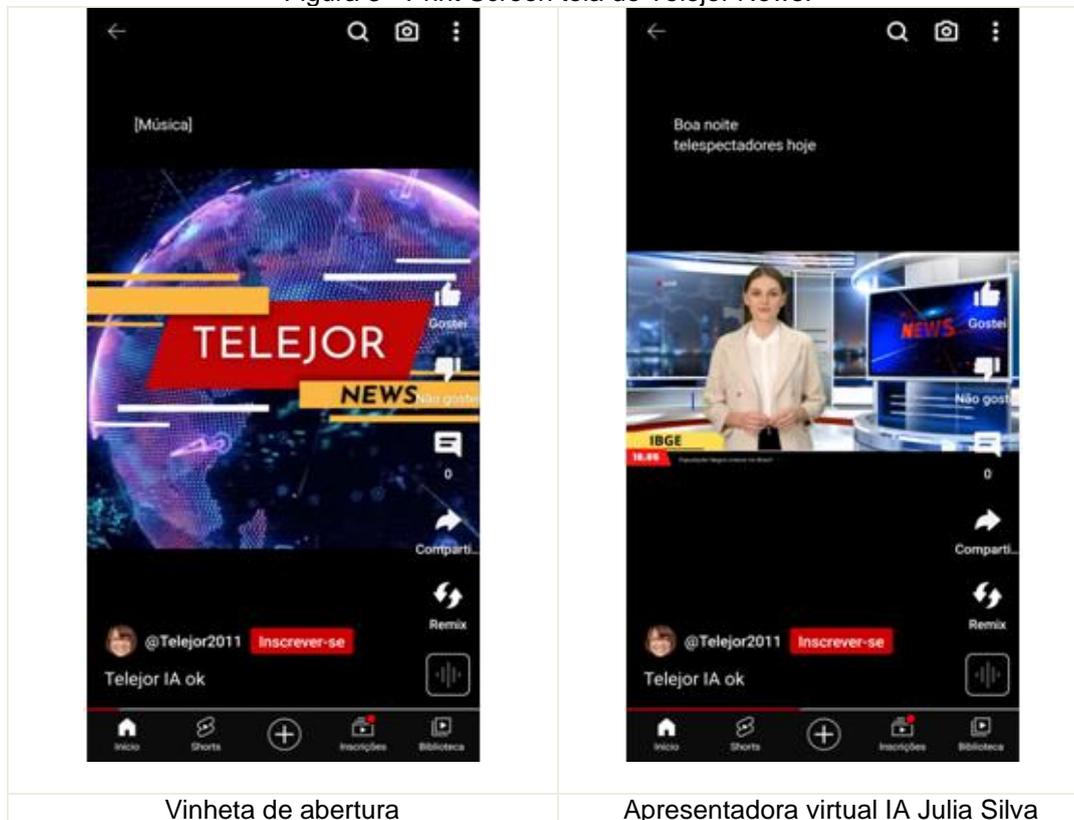
Fonte: MyEssayWriter.ai (2024)⁶.

Na segunda etapa, dedicada à criação do apresentador virtual, utilizou-se o aplicativo *HeyGen*, escolhendo seu plano gratuito, que possui limitações quanto ao tamanho do texto suportado. O avatar criado foi configurado como feminino, de pele branca, vestindo uma camisa branca e um blazer bege, com cabelos longos e lisos, a fim de conferir uma aparência profissional e acessível ao telejornal. A terceira e última etapa envolveu a edição e finalização do telejornal. O cenário virtual foi selecionado na plataforma *Canva*, enquanto a vinheta do programa foi editada no *Filmora*. A trilha sonora, obtida no *YouTube*, não possui direitos autorais. O resultado dessas etapas culminou no protótipo de telejornal denominado "Telejor News", representando uma integração entre o jornalismo e as tecnologias de IA. A análise metodológica focou na avaliação qualitativa dos textos gerados, na estética e funcionalidade do avatar, e na coerência visual e sonora do produto final.

Aprimorando o cenário virtual do programa que foi criado, produziu-se a vinheta e trocou-se o fundo do vídeo da apresentadora, utilizando os modelos prontos do aplicativo *Canva*. Com a busca "*Breaking News*" encontrou-se modelos editáveis de vinhetas. Foi selecionado o modelo "*Blue Animated Breaking News*" e, com o auxílio do programa de edição de vídeos

Filmora (Wondershare), foi produzida a edição da vinheta com BG (fundo musical) com trilha branca (sem direitos autorais), disponibilizada pelo Youtube (Figura 4). O protótipo do telejornal foi chamado de “Telejor News”.

Figura 3 - Print Screen tela do Telejor News.



Vinheta de abertura

Apresentadora virtual IA Julia Silva

Fonte: YouTube (2023)⁷.

5. DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

O site que se destina a textos acadêmicos apresentou bons resultados para a narrativa jornalística. As argumentações oferecidas são plausíveis e a sugestão de fontes foi adequada para o tipo de pauta. Depreende-se daí que a linguagem jornalística traz um modelo textual fácil de ser atingido por meio da Inteligência Artificial. No entanto, como sua base de dados é limitada, as sugestões apresentadas pelo aplicativo carecem de filtros e não possuem a credibilidade necessária para uma produção exclusiva, tornando imprescindível a supervisão profissional de um jornalista.

Em relação à produção da vinheta criada por meio do aplicativo “Canva”, na

versão paga, os modelos oferecidos replicam a tradição das cores do telejornalismo, com predominância do azul nas formas e do preto, do branco e do vermelho nos caracteres. O estúdio é representado com múltiplas telas no mesmo ambiente e conta com linhas circulares e silhuetas que lembram um mapa-múndi como fundo do cenário. É como se existisse um espaço visual já consolidado e padrão para o que se entende como um estúdio para a apresentação de um telejornal no banco de dados deste tipo de aplicativo.

Por sua vez, o aplicativo HeyGen, utilizado para a criação da apresentadora, oferece uma infinidade de personagens com características físicas e vestuários diferentes uns dos outros. A escolha da modelo branca trajando roupa clara, foi intencional, mas existiam outras possibilidades de seleção, embora o aplicativo não indique nacionalidades. O tipo de voz usado na locução do texto da cabeça foi indicado pelo próprio aplicativo, após reconhecer que o texto a ser narrado estava escrito em língua portuguesa do Brasil. O destaque da apresentadora criada por IA é a gestualidade cadenciada, à medida que os lábios se movimentam, simulando a fala. Percebe-se ainda que a avatar não possui detalhes no rosto que denunciem algum tipo de expressão facial, mas o uso das mãos como reforço expressivo auxilia muito na mimese dos apresentadores humanos.

Constata-se a partir desse exercício de comparação que a tecnologia de processamento textual se aproxima da linguagem jornalística de forma superficial, porém com a adoção de modelos tradicionais. Há como uma receita a ser seguida, um protocolo de conteúdos que pode ser facilmente reproduzido pela IA. A facilidade com que a IA pode replicar o formato e a linguagem do telejornal tradicional, mesmo com as limitações atuais das plataformas, sugere que, em um futuro próximo, a produção automatizada de telejornais poderá se tornar uma realidade. Isso não apenas impacta os profissionais da área, que podem ter suas funções substituídas ou redefinidas, mas também o público, que precisará desenvolver novas habilidades para discernir entre conteúdo produzido por humanos e por máquinas.

Por outro lado, a IA generativa também abre novas possibilidades para o telejornalismo. A automatização de tarefas repetitivas e a geração de conteúdo em larga escala podem liberar os jornalistas para se dedicarem a atividades mais complexas e criativas, como a investigação e a análise aprofundada dos fatos. Além disso, a IA pode ser utilizada para personalizar o conteúdo de acordo com os interesses de cada espectador, oferecendo uma experiência mais relevante e engajadora. No entanto, para que essas possibilidades se concretizem de forma ética e responsável, é fundamental que a sociedade e a comunidade jornalística estejam preparadas para os desafios que a IA generativa apresenta. A transparência na identificação do conteúdo gerado por IA, o desenvolvimento de novas habilidades pelos jornalistas e a educação do público para o consumo crítico de notícias são alguns dos pontos cruciais que precisam ser abordados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As respostas dadas pelos aplicativos de Inteligência Artificial às demandas feitas para a produção de conteúdos jornalísticos mostram que, a despeito das limitações destes para a produção de tarefas e conteúdos complexos, há uma aproximação e até mesmo similitude com relação aos desempenhados pela inteligência humana. No caso especificamente da reflexão proposta aqui, observa-se que os apresentadores resultantes do trabalho dos algoritmos são reconhecidos de forma evidente em sua natureza virtual, ao mesmo tempo em que também preservam semelhanças ao modelo de apresentação preservado nos telejornais das emissoras brasileiras.

Essa dinâmica se conecta com a própria forma de funcionamento dos *chatbots* que, uma vez demandados a gerar um determinado conteúdo, vão se valer, para tanto, de subsídios originários das próprias referências já existentes na rede. Dessa maneira, os modelos de telejornal e dos apresentadores analisados aqui, gerados pela Inteligência Artificial, são justamente próximos dos padrões adotados pelas emissoras de modo geral,

por conta da lógica robótica fundada em sistemas de padronização e repetição. A resposta aos inputs recebidos pela IA, portanto, caminham justamente no sentido de mimetizar o que existe e da forma como se apresentam.

No caso do texto, o experimento mostrou que a resposta do *robot*, embora não seja aprofundada ou sofisticada, é bastante crível em termos das demandas exigidas para o que se espera da linguagem jornalística. Com relação aos conteúdos gerados a partir da criação de um avatar do apresentador de telejornal, identificam-se as marcas da virtualização de modo claro, por não haver, entre outros, o minimalismo da organicidade no gestual e da expressão facial, por exemplo. No entanto, ao mesmo tempo, o modelo oferecido pela IA se aproxima muito da estética - em forma e conteúdo - do que se tem conhecido como próprio de um apresentador de telejornal e do texto esperado que seja lido na cabeça, especialmente se identificado com a formalidade da apresentação, derivada da sintonia com a ideia de neutralidade jornalística e de distanciamento do fato narrado.

Tem-se aqui uma problemática importante decorrente, na medida em que o trabalho hoje desempenhado por jornalistas possa ser, em alguma medida e credibilidade, desempenhada também por *robots*. De um lado, um atravessamento reflexivo se levantaria, tanto em termos éticos, técnicos e estéticos quanto ao significado disso, desde o mundo da produção e exibição do telejornal em direção à pauta social. De outro, põe o telejornal enquanto formato, anatomia e gramática consolidada ao longo de 70 anos, para seu auto-exame e, talvez, reinvenção. A essa discussão se acrescenta a necessidade da pactuação entre os produtores de notícias de orientações claras e específicas em relação à identificação de conteúdos gerados por IA em tela. A sociedade precisa saber ao assistir a um telejornal que aquele conteúdo produzido - seja imagético, noticioso ou no formato -, foi produzido por ferramentas de IA.

REFERÊNCIAS

BECKER, Beatriz. Jornal Nacional: Estratégias e desafios no seu cinquentenário. **Revista Alceu**. v. 20, n. 40, p. 206-225, jan.-jul. 2020.

BECKER, Beatriz. **A construção audiovisual da realidade**. Uma historiografia das narrativas jornalísticas em áudio e vídeo. Rio de Janeiro: Mauá X, 2022. 160 p.

CANAVILHAS, João. Produção automática de texto jornalístico com IA: contributo para uma história. **Textual & Visual Media**, v. 17, n. 1, p. 22-40, 2023.

CANVA. Blue Animated Breaking News. Disponível em: <https://www.canva.com/p/templates/EAE9N1B4r04-blue-animated-breaking-news-instagram-post/>. Acesso em 19 ago. 2023.

EKSTRÖM, Mats. **Epistemologies of TV journalism: a theoretical framework**. Journalism, v. 3, n. 3, p. 259-282, dez. 2002.

EMERIM, Cárilda. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 2, 2017.

FERREIRA, Soraya. Metamorfose dos gêneros e formatos televisivos na web: a multiplicação das telas. In: RENÓ, Denis; AMÉRICO, Marcos Tuca; MAGNONI, Antonio Francisco; IRIGARAY, Fernando (orgs.). **O audiovisual contemporâneo: Mercado, educação e novas telas**. 1. ed. Rosario: Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2016.

FILMORA. Disponível em: <https://filmora.wondershare.net/pt-br/>. Acesso em 20 ago. 2023.

FURTADO, Silvia DalBen. O uso de inteligência artificial nas redações jornalísticas na guerra contra a corrupção na América Latina. In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina; MORAIS, Ricardo; GIACOMELLI, Fábio (orgs.). **Mobilidade e inteligência artificial: Os novos caminhos do jornalismo**. Covilhã: LabCom, 2022.

GARCIA-AVILÉS, Jose. Reinventing Television News: Innovative Formats in a Social Media Environment. In: VÁZQUEZ-HERERO, Jorge; DIREITO-REBOLLAL, Sabela; SILVA-RODRÍGUEZ, Alba; LÓPEZ-GARCIA, Xosé. **Journalistic Metamorphosis: Media Transformation in the Digital Age**. Berlim: Springer, 2020. 207 p.

GUTMANN, Juliana Freire. **Audiovisual em rede: derivas conceituais**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. 104p.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2001. 349 p.

HEYGEN. App. Disponível em: <https://app.heygen.com/videos/2e45216e3e7640188a4b61065985bef3?subType=undefined>. Acesso em 20 ago. 2023.

HIRSCH-KREINSEN, Hartmut. Artificial intelligence: a “promising technology”. **AI & Society**, p. 1-12, jan. 2023.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 247 p.

MARQUES, Isabela. **Professor da UEMG Divinópolis publica relatório de pesquisa sobre microtrabalho no Brasil**. Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Divinópolis. jun. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MYESSAYWRITER. Disponível em: <https://www.myessaywriter.ai/>. Acesso em 19 ago. 2023.

NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; EDDY, Kirsten Eddy; ROBERTSON, Craig T.; NIELSEN, Rasmus Kleis. Reuters Institute. **Digital News Report 2023**. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023>. Acesso em 9 ago. 2023.

PICCININ, Fabiana. El telediario de la hipertelevisión. In: TEDEJOR, Santiago (org.). **Herramientas digitales para comunicadores**. 1. ed. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2019, v. 1, p. 89-95.

PICCININ, Fabiana; THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurelio. Anatomias narrativas do Telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2020, v. 9, p. 159-196.

RESENDE, Fernando. O discurso jornalístico e as narrativas de resistências: a necessária reinvenção do passado. In: 2º Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo, 2., 2004, Salvador. Anais [...] Salvador: SBPJOR, 2004.

SAAD, Elizabeth; CARNEIRO DOS SANTOS, Márcio. Jornalismo, inteligência artificial e desinformação: avaliação preliminar do potencial de utilização de ferramentas de geração de linguagem natural, a partir do modelo GPT, para difusão de notícias falsas. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v. 29, n. 4, p. 783-794, 2023.

SCOLARI, Carlos. This is the end: As intermináveis discussões sobre o fim da televisão. In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro/Recife: Confraria dos Ventos Editora UFPE, 2014. 134 p.

SERDOUK, Ali; BESSAM, Ahmed Cherif. Bots in Newsrooms: What Future for Human Journalists? **Media Watch**, v. 14, n. 1, p. 100-115, 2023.

SILVA, Edna Mello; VIDIGAL ROCHA, Liana; FARIAS SILVA, Sérgio. Telejornalismo expandido: o jornalismo televisivo nas redes sociais e aplicativos. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 13, n. 2, p. 21–36, 2018.

SILVA, Edna de Mello. Fases do telejornalismo: uma proposta epistemológica. In:

EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane. (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Coleção Jornalismo Audiovisual v. 7. Florianópolis: Insular, 2018. p. 19-36.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2009.

YOUTUBE. Telejor News. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/DetGFUGJOaI>. Acesso em 20 ago 2023.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 74-90.

TÚÑEZ-LÓPEZ, José Miguel, FIEIRAS CEIDE, César; VAZ-ÁLVAREZ, Martín. Impacto de la Inteligencia Artificial en el Periodismo: transformaciones en la empresa, los productos, los contenidos y el perfil profesional. **Communication & Society**, v. 35, n. 1, p. 177-193, 2021.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VÁZQUEZ-HERRERO, Jorge; LÓPEZ-GARCÍA, Xosé; IRIGARAY, Fernando. The Technology-Led Narrative Turn. In: VÁZQUEZ-HERRERO, Jorge; DIREITO-REBOLLAL, Sabela; SILVA-RODRÍGUEZ, Alba; LÓPEZ-GARCÍA, Xosé (orgs.). **Journalistic Metamorphosis**. Media Transformation in the Digital Age. Studies in Big Data 70. Gewerbestrasse: Switzerland, 2020. 213 p.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista FAMECOS**, v. 16, n. 40, p. 77–83, 2009.

Notas:

¹ O espelho é o documento/guia do telejornal com os títulos das matérias e seus formatos que vão ao ar, com informações sobre o tempo (duração) e ordem de exibição (Das autoras).

² Texto lido pelo apresentador ao vivo (Das autoras).

³ As *hard news* são as notícias relacionadas aos temas considerados mais duros como política e economia e que, via de regra, estão associados às notícias factuais (Das autoras).

⁴ Texto gravado pelo repórter e coberto por imagens (Das autoras).

⁵ KOETSE, Many. Meet Ren Xiaorong, People's Daily AI Virtual News Anchor. What's on Weibo. Disponível em: <https://www.whatsonweibo.com/meet-ren-xiaorong-peoples-daily-ai-virtual-news-anchor/>. Acesso em: 9 ago. 2023.

⁶ MyEssayWriter.ai. Disponível em: <https://www.myessaywriter.ai/ai-essaywriter/essay>. Acesso em 19 ago. 2024.

⁷ YouTube. Telejor News. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/DetGFUGJOaI>. Acesso em 22 ago. 2023.

SOBRE AS AUTORAS:

Edna de Mello Silva

Professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), docente permanente do PPGCOM-UFT, Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Coordenadora da Rede Telejor. Líder do Grupo de Pesquisa CoDe/Unifesp.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1312-9041>

E-mail: edna.mello@unifesp.br

Fabiana Piccinin

Professora do Departamento de Jornalismo e do Programa de Mestrado e Doutorado em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Vice-Líder do GIP Tele (CNPQ). Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Bolsista Produtividade (CNPQ).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4792-5716>

E-mail: fabiana.piccinin@ufsc.br

Artigo recebido em: 12 maio 2024. | Artigo aprovado em: 20 jun. 2024.